

A TEMÁTICA INDÍGENA NA ESCOLA: MEMÓRIAS DOS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR

Guilherme Augusto Martins da Silva¹
Iara Tatiana Bonin²

RESUMO

Este trabalho vincula-se ao projeto “Temática Indígena na Escola: implicações Pedagógicas Frente à Implementação da Lei 11.645/2008”. O objetivo é discutir algumas representações sobre povos indígenas, constantes nas falas de estudantes do ensino superior. Para isso, foram realizadas 20 entrevistas com graduandos (licenciatura e bacharelado) de uma universidade da rede privada. A análise do material empírico permite concluir que, nas falas dos estudantes, constituem-se especialmente três tipos de representações sobre os povos indígenas: a primeira vincula índios e natureza; a segunda associa a imagem indígena a estereótipos e a terceira relaciona seus estilos de vida à pobreza, e coloca em relevo os conflitos decorrentes da luta pela terra.

Palavras-chave: Temática indígena, representações, identidades, diferenças.

ABSTRACT

This paper entails the project “Temática Indígena na Escola: Implicações Pedagógicas Frente à Implementação da Lei 11.645/2008”. The goal is to discuss some representations of indigenous people found in higher-education students’ talks. For this, 20 interviews with undergraduates in a private university. Analysis of the empirical material allows one to conclude that in students’ talks there are three types of representations of indigenous people: the first one entails indigenous people to nature; the second one associates the indigenous image to stereotypes; and the third one relates their lifestyles with poverty, outcast, and highlights conflicts coming from the fight for land.

Keywords: Indigenous themes, representations, identities, differences.

INTRODUÇÃO

A temática indígena vem adquirindo visibilidade em decorrência de um amplo conjunto de transformações que ocorrem na cultura contemporânea, que dizem respeito, por um lado, a processos mais globais e a ações de luta empreendidas pelos próprios indígenas, com impactos no plano social, político, legislativo e, por outro lado, a práticas mais locais e cotidianas, tal como o acesso a uma variedade de recursos tecnológicos que dinamizam as imagens e mensagens que nos chegam diariamente. Essa temática tem repercutido na mídia, e uma variedade de representações sobre os indígenas ganham forma em programas de TV, filmes,

¹ Acadêmico do curso de Biologia/ULBRA – Bolsista PIBIC/CNPq

² Professora – Orientadora do Programa de Pós-Graduação em Educação/ULBRA (iara.bonin@uol.com.br)

documentários, exposições fotográficas, histórias em quadrinhos, livros de literatura infantil, sites e blogs.

Na escola e nos currículos, fragmentos de histórias e de culturas ameríndias vêm sendo inseridos, de modo periférico, há muito tempo. Contudo, nos dias atuais a temática indígena é apresentada como componente obrigatório nos currículos escolares – com abordagem transversal ou disciplinar. Nesse sentido, pode-se destacar a Lei nº 11.645/2008, que altera o artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, determinando que: “nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena”. E a referida lei também define que “os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras” (BRASIL, 2008).

A novidade proposta por esta lei tem impactos não apenas sobre as escolas de Educação Básica e seus currículos, como também diz respeito ao ensino superior. Nesse sentido, em 2011 o Ministério da Educação – através da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – editou o *Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação para as Relações Étnico-raciais*, objetivando que os sistemas e instituições de ensino cumpram o estabelecido nas Leis 10.639/03 e 11.645/08. O plano define ações para as instituições de ensino superior, das quais destacamos: a) incluir conteúdos e disciplinas curriculares relacionados à Educação para as relações étnico-raciais nos cursos de graduação do Ensino Superior; b) desenvolver atividades acadêmicas, encontros e jornadas destinados à discussão das relações étnico-raciais; c) dedicar especial atenção aos cursos de licenciatura e formação de professores, garantindo formação adequada sobre a história e a cultura afro-brasileira indígena, considerando os conteúdos propostos na Lei 11.645/2008; d) desenvolver nos discentes do ensino superior atitudes que lhes permitam contribuir para a educação das relações étnico-raciais com destaque para sua capacitação na produção e análise crítica de livros, materiais didáticos e paradidáticos que estejam em consonância com as Diretrizes Curriculares para Educação das Relações Étnico-Raciais e com a Lei 11645/2008 (BRASIL, 2008).

No contexto destas mudanças normativas e curriculares é que se indaga, neste texto, sobre as formas como os estudantes do ensino superior têm sido inseridos nas discussões sobre a questão indígena brasileira, de modo especial aqueles que cursam licenciatura. O objetivo, neste breve escrito, é discutir algumas das representações sobre os povos indígenas que se expressam em falas de estudantes de cursos de licenciatura e bacharelado de uma instituição da rede privada de ensino.

OS CAMINHOS DA PESQUISA E ALGUNS PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS

Para a produção dos dados empíricos foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 20 estudantes de cursos de licenciatura e de bacharelado, nos meses de agosto e

setembro de 2013. Participaram graduandos dos cursos de Artes Visuais, Biologia, Educação Física, Pedagogia, Química e Geografia. No roteiro utilizado para nortear as entrevistas, destacavam-se aspectos como a memória do estudante e o significado da palavra “índio”; os momentos que recorda ter sido abordada a temática indígena em sua trajetória escolar; os espaços, artefatos e instâncias a partir dos quais recebe informações sobre a referida temática; a necessidade de inserção do assunto no rol de temáticas do curso, no ensino superior.

Assim, construído a partir das memórias desses estudantes, o estudo identifica e analisa alguns significados vinculados aos indígenas, que são relembrados a partir das experiências escolares (tanto no ensino básico, quanto no ensino superior). Destaca-se, contudo, que a partir das falas deste grupo de estudantes se pretende analisar imagens e sentidos que não são individuais ou autorais, mas que são constituídos em relações sociais e em jogos de força nos quais cada pessoa está inserida. Pretende-se, com a pesquisa, problematizar alguns significados naturalizados no espaço escolar, nos currículos e em outras produções didáticas.

Tratando-se dos procedimentos, os estudantes foram convidados a participar do estudo e, diante de seu aceite, as entrevistas foram realizadas no próprio espaço da universidade. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, sendo esses textos lidos diversas vezes, para se verificar recorrências. Inicialmente utilizou-se a sinalização dos achados nos próprios textos transcritos, com marcadores de cores diferentes e, em seguida, fragmentos das falas dos estudantes foram agrupadas em tabelas, considerando-se como critério as recorrências. Por fim, examinando o conjunto de entrevistas, foram constituídas as seguintes categorias analíticas: a) representações que associam índio e natureza; b) representações que tem por base os estereótipos e c) representações que vinculam vida indígena à pobreza e aos conflitos, na luta pela terra.

Considerando-se a centralidade do conceito de representação, destaca-se que, neste texto, ele é entendido a partir de teorizações de Stuart Hall. Para ele, “a representação é parte essencial do processo pelo qual o significado é produzido e intercambiado entre os membros de uma cultura” (HALL, 1997, p. 11). O autor argumenta também que a análise das representações requer que se considerem as formas concretas pelas quais os significados são construídos e circulam.

A representação é um dos elementos centrais quando se realiza uma análise cultural, e esta se produz e se transforma no âmbito das relações sociais. Porém, conforme argumenta Wortmann (2007, p. 2), “a representação não contém todos os significados possíveis (ou seja, os significados não se esgotam na representação), sendo esses sempre negociados e inflectidos nas práticas sociais, ressoando em muitas situações.” As falas dos estudantes do ensino superior foram tomadas, nesta pesquisa, como um dos locais onde se expressam representações e onde se negociam os significados sobre os povos indígenas.

Na continuidade do texto, apresentam-se as três categorias em torno dos quais gravitam as representações principais constantes das falas dos 20 estudantes entrevistados.

REPRESENTAÇÕES QUE VINCULAM ÍNDIOS E NATUREZA

A primeira recorrência observada nas falas dos entrevistados diz respeito a uma suposta essência dos indígenas que os vincularia ao mundo natural. Tal aproximação promove, como efeito, um posicionamento dos indígenas como sujeitos mais naturais, mais primitivos, e se sustenta na oposição binária processada entre cultura/natureza. Sobre essa divisão binária, Amaral (2000, p. 143) explica que

A instância de aprendizagem da relação ser humano/natureza se dá de maneira poderosa através da mídia. A educação formal, através de seus currículos, sob todas as suas formas (livros didáticos, programações, organizações do espaço-tempo na sala de aula e nas disciplinas escolares), ou legitima estas representações da natureza produzidas pela publicidade, bem como aquelas transmitidas pelo currículo escolar, perpetuam e ao mesmo tempo atualizam o paradigma da ciência moderna que traz em seu centro a separação cultura/natureza. Ao mesmo tempo, o paradigma moderno decreta a sua própria degenerescência ao revelar-se incapaz de pensar a espécie humana em conjunto.

A representação que associa índios e natureza é reiterada continuamente em diferentes produções culturais, tais como os filmes, as obras de literatura, os programas de TV, os jornais e revistas, a mídia eletrônica, entre outros. Nas falas dos estudantes destacam-se alguns termos recorrentes utilizados para fazer referência aos indígenas, que marcam a íntima associação com a natureza. Por exemplo, a alusão a:

“pessoas nuas”; “pessoas diferentes em um mundo só seu”; “pessoas sem convívio com o mundo urbano”; “pessoas que aprenderam a viver sozinhas... A caçar e sobreviver na mata”; “pessoas que vivem em harmonia com a natureza...”, “índio.. humm.. lembra pra mim descobrimento do Brasil, primeira missa do Brasil, aquele quadro, e... essa coisa bem.. é uma coisa primitiva, uma ideia de primitivo”

Destacam-se, nos recortes anteriores, representações variadas que ora indicam serem os indígenas sujeitos que vivem em harmonia com a natureza, protegendo o meio ambiente, ora os descrevem como selvagens que vivem de maneira rudimentar dentro das matas, possuindo pouca ou nenhuma inserção em práticas da vida urbana. Tal noção é contestada, contudo, em inúmeras produções dos próprios indígenas: os livros de literatura, filmes, documentários, blogs e sites de autoria indígena, assim como as reportagens sobre mobilizações e protestos organizados por eles exibem, por exemplo, imagens de indígenas com variados aparatos tecnológicos identificados com a vida urbana (celulares, câmeras fotográficas, filmadoras, além de adereços, roupas, etc.). Ainda assim, persiste uma noção de que os índios distantes daquilo que se considera “civilização”.

A vinculação entre índios e natureza é funcional para posicionar a pessoa, quanto

a própria natureza, conforme argumentam Bonin e Ripoll (2011). Assim, se a natureza aparece em algumas circunstâncias em oposição à cultura, marcada como instável, não confiável, bruta, selvagem, tais características são também utilizadas para referir quem vive no espaço natural.

As afirmações feitas pelos estudantes sobre os indígenas serem “*peças diferentes em um mundo só seu*” e “*peças sem convívio com o mundo urbano*”, parecem remeter e circunscrever a vida indígena apenas ao espaço natural (um mundo na floresta, só seu), o que impossibilita que se considere a presença indígena em outros espaços, incluindo-se aí os grandes centros urbanos. De tal modo que, quando os indígenas habitam ou circulam nas cidades, são vistos como sujeitos deslocados de seus lugares “naturais”. Em sua tese de doutorado, Bonin (2007) destaca que os personagens indígenas são apresentados em diferentes produções culturais como sujeitos fortemente articulados ao mundo natural, sendo a floresta destacada como único lugar de viver. Ali, junto à natureza os indígenas são representados como pessoas felizes, tranquilas, que levam uma vida privilegiada, em profunda intimidade com o seu meio. O vínculo entre índio e natureza é responsável ainda pela noção de “pureza” a eles atribuída.

Tomando por base estereótipos de pureza e primitivismo, muitas narrativas atribuem às mudanças no estilo de vida indígena sentidos de “perda cultural”. Uma suposta pureza, ligada à condição de serem eles os mesmos, faz pensar que toda mobilidade equivaleria à impureza (BONIN, 2010, p 74).

Vale destacar, neste sentido, que o entrevistado 15 se vale desta noção ao descrever práticas contemporâneas indígenas:

Como eles estão vivendo hoje com a nossa cultura, porque eles estão completamente contaminados né, eles tão bêbados, eles usam drogas, usam celular, parabólica.. não parabólica... é parabólica!.

O entrevistado 16 também lamenta uma suposta perda de pureza, como se pode ler a seguir:

como eles estão inseridos na metrópole e na nossa cultura capitalista e coisa tal, de índio eles só tem um pouco de cultura e mesmo a forma física, porque tipo, eles usam tênis, escutam funk, pintam o cabelo, pegam ônibus, bebem cachaça, então tipo a cultura deles tá... tá se esvaindo.

Segundo Freitas (2008, p. 5), o estranhamento da presença indígena nas cidades se vincula a um imaginário colonial que nutre o nosso olhar.

Nada mais estranho a esse imaginário colonial de índio do que a presença indígena nas cidades: efetivamente, aos olhos de muitos

brasileiros, cidades como Porto Alegre configuram um “não-lugar” para os índios. Por conta disso, nossos contemporâneos indígenas não raro são vistos como “não-autênticos”, “aculturados”, “anjos-decaídos do paraíso”.

Ao analisar as implicações da estreita vinculação que se estabelece entre índios e natureza, Bonin e Ripoll (2011) destacam que aos indígenas também se atribuem certas características imaginadas como sendo da natureza, tais com a passividade (associada à noção de natureza-recurso, esperando para ser explorada), constância e falta de dinamismo (vinculada à noção de ciclos estáveis e comportamentos repetitivos). Desse modo, imagina-se serem os indígenas povos de culturas repetitivas, estáveis, sem grande complexidade ou dinamismo, paradas num tempo remoto e fixas num espaço determinado.

O USO DE ESTEREÓTIPOS COMO REFERÊNCIA PARA PENSAR O POVO INDÍGENA

Algumas perguntas apresentadas na entrevista recorriam às memórias dos estudantes como fonte, e uma delas indagava sobre as imagens que comumente vêm à mente quando se fala de índios. Nas respostas, alguns estudantes utilizaram estereótipias, destacando traços fenotípicos, utensílios e adereços corporais.

Me vem a cabeça... Uma peça de cocar, pele escura, oca... (Entrevistado 5).

Nudez, penas... E eles pintados, sei lá... (Entrevistado 7).

[...] Penacho na cabeça, pinturas e eles no ambiente natural (Entrevistado 10).

Ah, Naturalismo, selvageria, rituais, cachimbo da paz... eu penso isso aí(Entrevistado 3).

Penso em dança, pintura e artesanato (Entrevistado 17).

Ah, essa é fácil! Cocar, pena, porque eu tinha dito para umas pessoas que tinha visto umas pessoas acampadas na frente da praça da matriz e eu não sabia se era professores ou índios, hoje eu passei de novo de ônibus e vi as penas e os cocares e tenho certeza que eram índios. (Entrevistado 15).

Nas falas dos estudantes observa-se uma caracterização dos indígenas pela via dos estereótipos, ou seja, através da simplificação de suas formas de ser e de viver, resultando daí a noção de os indígenas andarem nus, com seus corpos pintados e adornados com plumagens, portando arco e flecha, usando cocar, fumando “cachimbo da paz”.

Contudo, em suas respostas, outros estudantes indicaram as imagens mais comuns que vêm à mente, procurando estabelecer ressalvas a esta formas de narrar ou caracterizar. O entrevistado 12, por exemplo, afirma:

Posso falar coisa idiota? Oca, fogo, flecha... ah, e na escola, no dia do índio, teatrinho e aquela “um dois três indiozinhos...” (Entrevistado 12).

A indagação inicial já marca um estranhamento a este tipo de afirmativa sobre os indígenas. Já o entrevistado 13 recorre a imagens midiáticas:

Me vem aquele ser mesmo, com aquela bermudinha que costumamos ver na televisão, canginha, cocarzinho (risos) (Entrevistado 13).

Neste caso, o riso marcado ao final do enunciado mostra que o estudante não adere a esse estereótipo. Também os entrevistados 5 e 16 buscam marcar sua compreensão de que se trata de representações simplificadas e superficiais, quando afirmam:

[...] acham que todo índio usa cocar e tudo vive lá no meio do mato, mas na verdade não é bem assim, né? (Entrevistado 5).

[...] Infelizmente vem o estereótipo de cocar [...] e me remete à vestimenta do índio, o cocar e a pintura corporal e coisa e tal... (Entrevistado 16).

Na fala do entrevistado 14 destaca-se, por fim, certo esforço empreendido para escapar às visões simplificadas:

Ah, talvez eu não tenha a mesma resposta que a maioria porque eu fiz muito estudo sobre arte e sobre a cultura indígena, até para poder dar melhor aula sobre esse assunto, mas acho que o que geralmente vem na cabeça dos alunos e vinha na minha cabeça antes, é aquele indivíduo marrom, que tem uma pena pra cima, né? E na verdade não é nosso índio brasileiro é aquele índio americano, que até é festejado nas escolas (Entrevistado 14).

A estratégia de reconhecer e caracterizar os sujeitos através de estereótipos está presente em nosso cotidiano, e não se refere apenas à imagem dos indígenas. Na conceituação de Stuart Hall (1997), os estereótipos abrangem algumas características simples dos sujeitos e reduzem o significado a poucos traços, ampliando-os e exagerando-os.

Na mesma direção, Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 54) afirma que estereótipo é uma “opinião extremamente simplificada, fixa e enviesada sobre as atitudes, comportamentos e características de um grupo cultural ou social que não aquele ao qual se pertence”. Assim, conforme o autor, o estereótipo funciona, na linguagem, como uma economia de significados, e conduz a uma forma fixa de narrar. A análise das representações permite ressaltar, então, as relações de poder envolvidas na construção e das disputas pelos significados, na luta por naturalizar ou por estranhar os estereótipos a que se recorre comumente.

REPRESENTAÇÕES DE INDÍGENAS ASSOCIADAS AOS CONFLITOS DE TERRA

Um aspecto que também se destacou nas falas dos estudantes entrevistados foi a menção a acontecimentos contemporâneos, envolvendo, em particular, a luta pela terra. Vale ressaltar que tais acontecimentos têm sido noticiados em diferentes contextos, no Rio Grande do Sul, e aparecem em noticiários, em jornais e revistas locais ou de circulação mais ampla.

Nas falas dos entrevistados destaca-se, por exemplo:

Ouçõ na mídia, principalmente sobre desapropriações de terras (Entrevistado 3).
Na cidade onde eu moro, eles acampam nos terrenos baldios (Entrevistado 6).
Aaah, escuto notícias de que os índios querem a terra deles, e fazem algum protesto ou coisa assim... (Entrevistado 13).
Na TV, quando eles querem invadir as terras dos índios... (Entrevistado 5)
Brigas com brancos, polícia... e isso é cada vez pior (Entrevistado 19)
Acho que o único contexto que eu ouvi falar foi no noticiário, televisão, quando contem alguma notícia relacionada a eles, geralmente apropriação de terra, de assassinatos, né, de disputas por terra [...]. Vejo um povo revoltado, quase igual aos sem terra, que estão quase sempre invadindo fazendas para conseguir terras... (Entrevistado 14).

Se, por um lado, permanecem nas falas dos estudantes certas referências genéricas e marcadas pelo uso de estereótipos ao se reportar aos indígenas (conforme se viu em seções anteriores deste texto), por outro lado, observa-se a força de certas representações midiáticas, marcando lugares contemporâneos e contextos em que os indígenas estariam também implicados.

Sobre os contextos de luta pela terra, Brand (2004) afirma que os povos indígenas têm protagonizado movimentos de recuperação de seus territórios tradicionais, e estes tem tido ampla repercussão por confrontarem interesses regionais e colocarem à mostra processos de ocupação das terras que não levaram em conta ocupação tradicional de terras colonizadas.

No contexto do Rio Grande do Sul, Baptista da Silva afirma que os conflitos principais pela terra relacionam-se a uma sobreposição de interesses – de um lado os povos indígenas, de outro os proprietários, que receberam titulações de terras tradicionais indígenas, ou o poder público, quanto ocorrem sobreposições entre Unidades de Conservação ambiental e terras indígenas.

Pode-se dizer, então, que quando os indígenas são apresentados em noticiários de televisão ou nos jornais impressos como “invasores” de propriedades privadas, ocorre uma política de representação, na qual se confirma o direito de propriedade (a existência de títulos concedidos pelo estado, por exemplo), desconsiderando o direito originário dos povos indígenas às suas terras (assegurado no artigo 231 da Constituição Federal de 1988). Considerando as falas dos estudantes, anteriormente destacadas, observa-se que há diferentes posicionamentos em

relação a questão da terra. Por um lado, as referências a “*desapropriações de terras*”, “*brigas com a polícia*”, “*assassinatos*”, “*povo revoltado, quase igual aos sem terra, que estão quase sempre invadindo fazendas para conseguir terras*”, indicam que alguns estudantes se vinculam a representação de índios revoltados, não confiáveis, gerando conflitos, brigando por terras que eles não teriam direito. Por outro lado, as referências a índios vivendo em acampamentos, a índios que fazem protestos porque “querem a terra deles”; ou ainda às notícias de que “querem invadir as terras dos índios” mostram que há estudantes que aderem à noção de que as terras pertencem, de fato, aos indígenas.

Indagados sobre o que gostariam de aprender sobre a temática indígena, em cursos de graduação dos quais são discentes, os entrevistados fizeram referência a culturas, estilos de vida, rituais, línguas, artes, mitologias, simbologias, pintura corporal, cerâmica, entre outros. Contudo, sobre a questão agrária e as lutas contemporâneas indígenas pouco foi mencionado, o que parece indicar que a temática indígena é ainda pensada pelos aspectos culturais e pelo que supostamente se poderia aprender com estes povos.

PALAVRAS FINAIS

A pesquisa permite observar uma variedade de significados que se constituem ao falar dos povos indígenas. Ainda assim, persiste nas falas dos estudantes denominações genéricas – a maioria faz referência a índios, poucos são os que nomeiam os povos (Guarani, Kaingang, Charrua) que vivem no estado do Rio Grande do Sul.

Também foi possível constatar que persistem nas representações dos estudantes certos significados que foram constituídos em suas experiências escolares, muitas delas estabelecidas por estereótipos. Mas há também deslocamentos de significados, sendo os indígenas vistos também por sua presença e inserção no mundo contemporâneo. Destaca-se, em especial, que as representações são constituídas continuamente, na articulação entre diferentes imagens e mensagens. Neste sentido, pode-se retomar o que diz Silva (2001, p. 17):

O sentido e o significado, entretanto, não são produzidos de forma isolada, circulando como átomos, como unidades independentes. O significado e o sentido tampouco existem como ideia pura, como pensamento puro, fora do ato de sua anunciação, de seu desdobramento em enunciados, independente da matéria significante, de sua marca material como linguagem. Os significados organizam-se em sistemas, em estruturas em relações. Esses sistemas, essas estruturas, essas relações, por sua vez, apresentam-se, organizam-se como marcas linguísticas materiais, como tramas, como redes de significantes, como tecidos de signos, como textos, enfim.

Os significados sobre povos indígenas são reconstruídos e negociados, por exemplo, quando se solicita que um estudante de ensino superior traga à memória certas imagens, certos acontecimentos e certas formas de pensar que constituem seus repertórios representacionais.

REFERÊNCIAS

- MARAL, Marise Basso. Natureza e representação na pedagogia da publicidade. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Estudos Culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 143-171.
- BAPTISTA DA SILVA, Sérgio; TEMPAS, Mártin Cesar; COMANDULLI, Carolina S. Reflexões sobre as especificidades Mbyá-Guaraninos processos de identificação de terras indígenas a partir dos casos de Itapuã, Morro do Coco e Ponta da Formiga, Brasil. **Amazônica**, v. 2, n. 1, p. 10-26, 2010.
- BONIN, Iara Tatiana. **E por falar em povos indígenas...** Narrativas que contam em práticas pedagógicas. 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- BONIN, Iara Tatiana; RIPOLL, Daniela. Índios e natureza na literatura para crianças. **Rev. Teoria e Prática da Educação**, v. 14, n. 1, p. 19-29, jan./abr. 2011.
- BRAND, Antonio Jacó. Os complexos caminhos da luta pela terra entre os Kaiowá e Guarani no Mato Grosso do Sul. **Tellus**, ano 4, n. 6, p. 137-150, abr. 2004.
- BRASIL. Lei nº 11.645. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. **Diário Oficial da União**, República Federativa do Brasil, Brasília/DF, 10 mar. 2008.
- BRASIL, **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana**: Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=1852&Itemid=> Acesso em: 10 set. 2011.
- FREITAS, Ana Elisa de Castro. Nossos contemporâneos indígenas. In: FREITAS, Ana Elisa de Castro; FAGUNDES, Luiz Fernando Caldas. **Povos Indígenas na Bacia Hidrográfica do Lago Guaíba**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal/Núcleo de Políticas Públicas para os povos Indígenas, 2008. p. 5-13.
- HALL, Stuart. **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices**. London/Thousand Oaks/New Delhi, Sage Publications/Open University 1997.
- SILVA, Tomaz Tadeu da, **O Currículo como Fetiche: A Poética e a Política do Texto Curricular**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- WORTMANN, Maria Lúcia C. A natureza na literatura infanto-juvenil. In: WORTMANN, Maria Lúcia et al. **Ensaio em Estudos Culturais e Ciência: A produção cultural do corpo, da natureza, da ciência e da Tecnologia. Instâncias e Práticas Contemporâneas**. Porto Alegre: UFRGS, 2007.